

LEITURA DE *SALAZAR VAI AO CINEMA II – A ‘POLÍTICA DO ESPÍRITO’ NO JORNAL PORTUGUÊS*

Paulo Cunha*



Maria do Carmo Piçarra, *Salazar vai ao Cinema II – A ‘Política do Espírito’ no Jornal Português*, Lisboa: DellaDesign, ISBN: 978-989-97309-0-8, 2011.

Em *Salazar vai ao cinema II – A ‘Política do Espírito’ no Jornal Português*, Maria do Carmo Piçarra encerra uma investigação que já tinha resultado numa publicação (*Salazar vai ao Cinema – O Jornal Português de Actualidades Filmadas*, Minerva, 2006) e que constitui, no conjunto das duas obras, um estudo necessário e incontornável para quem estuda ou se interessa pela história do cinema português durante o Estado Novo.

Como confessa a própria autora no prólogo da obra agora publicada, esta “sequela” justifica-se como tentativa de desenvolver questões que ficaram fora da primeira publicação: *Salazar vai ao cinema – O Jornal Português de actualidades filmadas* não pôde desenvolver os grandes temas noticiados pelo *Jornal Português* nem tampouco dar conta do caso, único, de intercâmbio noticioso com o congénere espanhol. Muito menos dar conta das conversas tidas a propósito.”

* Doutorando em História Contemporânea na Universidade de Coimbra, com um projecto de investigação sobre o novo cinema português (1949-80) e membro do Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX na mesma Universidade. E-mail: paulomfcunha@gmail.com

Depois de considerações formais e contextuais sobre o *Jornal Português*, a segunda parte aborda a forma como esse jornal de actualidade se posicionou perante os dois principais conflitos armados da primeira metade do séc. XX (Guerra Civil de Espanha e a Segunda Guerra Mundial) e as relações que estabeleceu com o congénere franquista NO-DO. Estes dois capítulos demonstram, de forma clara e documentada, que o jornal de actualidade de António Lopes Ribeiro seguiu os princípios orientadores da política externa do Estado Novo dessas primeiras décadas e da “política do espírito” promovida por António Ferro. O capítulo que Maria do Carmo Piçarra dedica ao jornal de actualidade franquista permite fazer uma análise comparativa e rever as relações de cooperação e intercâmbio cinematográfico entre as duas ditaduras ibéricas

Na terceira parte, que abordarei mais adiante, partindo das imagens e das palavras narradas, a autora propõe uma reflexão crítica sobre os valores e o ideário estadonovista reproduzido pelo *Jornal Português*.

Mas a análise da autora vai mais além da matéria fílmica, destacando também a importância do modo de produção do jornal de actualidades: as condições de exibição no Portugal de então, os interesses do sector da distribuição, a criação do Cinema Popular Ambulante, entre outros aspectos geralmente desvalorizados numa historiografia estilística e cultural da história do cinema. Maria do Carmo Piçarra também se preocupa com a materialidade e demonstra que esses aspectos sócio-económicos influenciam de forma significativa o que se filma e como se filma. A importância desses aspectos extra-fílmicos é particularmente visível na comparação entre os jornais de actualidades português e espanhol (páginas 64-66): a periodicidade e a exclusividade da produção ou a obrigatoriedade da exibição, ditada por razões técnicas e humanas, distinguem o “estilo” das actualidades desde a política editorial até à sua recepção.

O estudo agora publicado é original em grande parte porque, para além de consultar a principal bibliografia nacional e internacional produzida

nos últimos anos, a autora fez um notável esforço de pesquisa directa nas fontes: visionando todos os jornais disponíveis para visionamento, no ANIM e na vizinha Espanha, assim como os seus guiões; lendo as publicações periódicas especializadas da época, como é o caso da revista *Animatógrafo* de António Lopes Ribeiro; os ricos fundos documentais do SNI depositados no Arquivo Nacional Torre do Tombo, que incluem correspondência, contratos, pedidos de subsídios à produção ou os processos de censura; e a literatura de propaganda emitida pelo próprio SPN/SNI. A investigadora também produziu novas fontes ao recolher testemunhos orais de um operador dos jornais de actualidades e do realizador Faria de Almeida. Neste sentido em que privilegia um contacto directo com as fontes, este trabalho também é arqueológico e contribui para rever criticamente alguns mitos formados em escritos memorialistas para-historiográficos sem rigor científico ou académico.

No entanto, a autora, jornalista de formação e profissão, não assume um discurso estritamente académico. Obra pensada não apenas para estudiosos, mas também para curiosos, *Salazar vai ao cinema II* demonstra uma preocupação em adoptar uma linguagem capaz de chegar a diferentes públicos. Esta abrangência pretendida não menoriza o valor científico da obra, abundando os exemplos que documentam os argumentos da autora (como é bem visível no capítulo sobre a “materialização” do Política do Espírito, nas páginas 84-91). Apesar disso, e para mim que sou investigador e me interessa particularmente por estas temáticas, preferia que a autora citasse mais vezes de forma directa as fontes, como não acontece por exemplo nas notas 14 e 38 das páginas 44 e 57 respectivamente. Sou da opinião que, ao referir uma fonte inédita sem a citar directamente, a autora está a fragilizar a sua posição argumentativa desnecessariamente.

Fico com essa mesma sensação quando, por exemplo, leio nas páginas 94-95 uma interessante análise comparativa entre o discurso textual e o visual: a autoria descreve o *Jornal Português n.º 52* (“Manifestação a

Salazar pela Paz Portuguesa”, de Maio de 1945) comparando o conteúdo textual (narração) com a construção dos planos. Ou quando, nas páginas anteriores (92-93), a propósito do *Jornal Português* n.º 7 (Março de 1937), a autora encontra uma clara contradição entre o que é narrado e o que é filmado (plano aberto onde se vê um civil a ser levado por um militar durante uma manifestação de homenagem a Salazar). Estes exemplos são reveladores do singular contributo que este tipo de análises pode acrescentar ao estudo destes filmes. Só lamento que sejam casos isolados e que não haja no livro uma abordagem mais sistemática com este tipo de análises comparativas.

Um dos pontos fortes deste estudo é a sistematização das principais temáticas do jornal de actualidades de António Lopes Ribeiro. A terceira parte é dedicada a identificar e a caracterizar os grandes temas abordados no *Jornal Português*: a propaganda feita à sociedade corporativa, ao líder Salazar, ao passado da nação, ao estado militarizado que garante a segurança e a paz e ao colonialismo português. A análise deste último tema, tratado no capítulo 7 (páginas 115-123), é particularmente bem conseguida, não fosse esse um dos principais objectos de estudo da autora.

A finalizar, o livro inclui como anexo uma entrevista com João Bénard da Costa, realizada em 1999. Apesar de interessante e pertinente, o entrevistado não é uma fonte com conhecimento directo sobre o tema. O mesmo não acontece com Abel Escoto, director de fotografia e operador de imagem da segunda série de *Imagens de Portugal* (1953-58), que é citada como fonte oral na bibliografia final e cuja inclusão da entrevista integral como anexo poderia acrescentar informação primária relevante a esta obra. Em suma, estamos perante uma obra útil e necessária para conhecermos mais e melhor um cinema que, apesar de ser quantitativamente relevante, sempre foi minorizado ou esquecido nos estudos de cinema em Portugal. Tal como o primeiro volume publicado em 2006, *Salazar vai ao cinema II* é um contributo importante para o conhecimento duma temática ainda pouco

conhecida na história do cinema português mas que, felizmente, ter sido trabalhado de forma rigorosa e metódica por uma autora que tem dedicado, nos últimos anos, ao estudo consistente e comparativo das actualidades e do documentarismo português.